

Entre o Céu e o Inferno: Análise Comparativa da obra *Auto da Compadecida*

Francisca Patrícia Pompeu Brasil
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Em 1955, Ariano Suassuna produziu sua mais famosa peça teatral, *Auto da Compadecida*. A obra foi muito bem acolhida pelo público e pela crítica e ganhou adaptações para o cinema e para a TV, alcançando, também através dessas mídias, um sucesso considerável. No ano de 2000, Guel Arraes, renomado cineasta brasileiro, lançou seu filme *O Auto da Compadecida*, e conseguiu atingir com sua produção sucesso maior do que o de adaptações anteriores.

O filme é, de uma maneira geral, fiel aos temas apresentados na peça, fazendo alguns acréscimos e eliminando alguns elementos, a fim de adaptá-la à linguagem cinematográfica, Arraes procurou manter em sua obra a essência do cômico e do religioso, característica do texto original, e conseguiu, com sua boa escolha de elenco e criatividade, receber elogios do próprio Suassuna.

Tanto Ariano Suassuna como Guel Arraes demonstram interesse em despertar, através da comicidade das situações apresentadas nas obras, reflexões sobre algumas fraquezas humanas e sobre suas consequências. A história, de início, leva o leitor/espectador a conhecer a personalidade e os pecados de cada personagem: a ambição, a falsidade, a avareza, o adultério, o preconceito e a violência. Após conhecer cada personagem e suas respectivas falhas de caráter, o leitor/espectador é convidado a refletir sobre as consequências de tais ações, pois, após serem mortos durante um ataque de cangaceiros à cidade, os personagens serão julgados e terão que prestar contas de seus erros.

Este trabalho tem como objetivo fazer uma comparação entre dois tipos de linguagem utilizados para descrever o julgamento pós-morte apresentado na terceira parte da obra: a linguagem verbal, apresentada no texto de Suassuna, e a linguagem mista do filme de Arraes.

Na primeira parte de nosso estudo, focalizaremos, sobretudo, a forma como são apresentados o ambiente em que ocorre o julgamento (O Tribunal das Almas) e os personagens: Jesus Negro, que representa o juiz justo; o Encourado, que representa o promotor; a Compadecida, que assume o papel de benevolente advogada, e os réus. Também serão analisados os recursos linguísticos utilizados pelo autor para revestir de figuras os temas apresentados e criar uma atmosfera ao mesmo tempo cômica e religiosa em sua obra. Já, na segunda parte do trabalho, a análise se voltará para a obra de Arraes. Nesse momento, focalizaremos os signos linguísticos e não linguísticos expressos em forma de palavras e imagens, utilizados para apresentar o ambiente e os

personagens.

Auto da Compadecida: Temas e Figuras no Julgamento dos Mortos

Observando que o simbolismo da peça é, em boa parte, responsável pela riqueza dos elementos apresentados na obra, acreditamos ser necessário considerar os diálogos entre os personagens como formações discursivas, levando-se em conta, para isso, alguns fatores sociais, históricos e culturais que se fazem presentes nos discursos enunciados no momento do julgamento. Sendo nossa intenção, neste momento do trabalho, promover uma maior aproximação do texto de Suassuna, a pesquisa se pauta em estudos semióticos os quais, acreditamos, possibilitarão uma melhor compreensão do fragmento estudado.

A breve análise a que nos propomos será feita através da discursivização semiótica e, para isso, optamos por seguir a linha das pesquisas realizadas pelo estudioso russo Julien Greimas. Segundo este, há três níveis que compõem o percurso gerativo de sentido: o primeiro é o nível Fundamental; o segundo, o Narrativo; e o terceiro, o Discursivo. Para nós, interessa, sobretudo, o nível Discursivo, ficando os outros dois níveis (Fundamental e Narrativo) como auxiliares para a compreensão do percurso proposto para a compreensão do texto. Importante observar que, para se entender como ocorre uma formação discursiva, é necessário identificar o conjunto de figuras e temas que dão forma a determinadas estruturas ideológicas, presentes em nossa sociedade.

Na estrutura discursiva, a narrativa será instalada em um tempo e em um espaço; os atores do discurso serão apresentados, os objetos assumirão seus valores em forma de temas, e os temas serão apresentados através das figuras. Batista (2009, p.27) observa que “O discursivo é o nível mais superficial do percurso gerativo, que coloca em discurso as estruturas narrativas. Estas chegam até a voz, assumidas por um sujeito enunciador que escolhe temas, figuras, atores, tempo, espaço e os apresenta a um sujeito que as escuta e interpreta.”

Analisaremos então a forma como os diversos temas se concretizam através das figuras apresentadas durante a terceira parte da obra “O Julgamento dos Mortos”.

Os personagens da obra de Suassuna são cômicos e por isso conseguem despertar empatia por parte dos leitores e dar maior leveza à obra. Durante as duas primeiras partes da história, vamos conhecendo algumas falhas de suas personalidades: a ambição do padre e do bispo, as mentiras de João Grilo, a luxúria da esposa do padeiro, a avareza do padeiro, a violência de Severino do Aracaju, por exemplo. Após serem mortos em uma invasão de cangaceiros à cidade, os personagens vão ser julgados. Instaura-se então o Tribunal das Almas.

O cenário em que se dá o julgamento é o de um picadeiro de circo. Com essa escolha, Suassuna reforça a intenção de relacionar a obra a um espetáculo circense, uma vez que o narrador da história é um palhaço que interage a todo instante com o público e faz diversas orientações técnicas relacionadas ao cenário, áudio, personagens, divisão de atos, entre outras coisas.

Com os símbolos circenses, Suassuna consegue minorar o peso da cena grotesca de um julgamento de almas que estão prestes a serem condenadas ao inferno. O autor consegue, através da relação que faz entre os gêneros auto e circo, promover uma reflexão sobre as falhas humanas usando um tom, ao mesmo tempo, moralizante do auto e cômico do circo. Dando assim um tom cômico e sério ao seu texto e levando o leitor a fazer uma reinterpretação das fraquezas humanas - condenáveis ou perdoáveis? Notamos então que, na peça, o humor tem como uma de suas propriedades reverter uma imagem negativa, transformando-a em algo positivo. Vidal (2006, p.229) afirma que “O riso é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério”.

Serão então julgadas três diferentes classes que compõem a sociedade da pequena cidade de Taperoá: o Clérigo – representado pelo padre, pelo bispo e pelo sacristão; a burguesia – representada pelo padeiro e sua esposa; os desfavorecidos – João Grilo e Severino do Aracaju.

Como observa Filho (2009), ao analisar o nível discursivo do Julgamento dos Mortos, podemos identificar três enunciadores: Jesus/Manuel, o Encourado e a Compadecida. São eles os responsáveis por apontar falhas dos réus, fazer a defesa e propor sentenças durante o julgamento.

Jesus é o sujeito do fazer transformador. É ele quem vai decidir o destino das almas - se serão ou não salvas. Para fazer um julgamento justo, Ele procura ouvir com atenção todas as acusações e a defesa, assim como dá voz aos réus para que possam se manifestar. A figura de Jesus representa o tema da justiça e da humildade, uma vez que se apresenta como representante das minorias perseguidas pelo preconceito: negro e pobre.

Ao entrar em cena, o personagem provoca uma reação de surpresa nos réus e traz à tona o preconceito e a hipocrisia que domina muitos deles. Há, nessa passagem, uma oposição entre a sinceridade de João Grilo e a hipocrisia do bispo. Ao deixar claro em seu discurso o preconceito de cor, João é repreendido pelo bispo. Este, por sua vez, por ter encoberto seu preconceito em um discurso hipócrita por conta de seus falsos moralismos mundanos é repreendido por Jesus. “Cale-se você. Com que autoridade está repreendendo os outros? Você foi um bispo indigno de minha igreja,

mundano, autoritário, soberbo. Seu tempo já passou. (2005, p. 126)”

O bispo e o padre, diferentes de João Grilo, são mais sérios, dominados pela prudência mundana, temem fazer comentários inadequados. Pode-se fazer um paralelo entre a comicidade ingênua de João Grilo e a seriedade hipócrita dos clérigos. A ingenuidade provoca o riso, e o riso funcionaria como um signo de alegria, leveza e descontração. O riso serviria para desnudar as concepções mundanas, seria então um símbolo de libertação das convenções sociais.

A figura do personagem João Grilo reveste o tema da alegria ingênua. João Grilo é um personagem sofrido, sua alcunha já aponta para isso: o grilo é um pequeno inseto, frágil, sem forças, no entanto, muito ágil. Da mesma forma, a fraqueza corporal de João é compensada por sua esperteza e por sua capacidade de enganar os outros através de suas histórias. Suas mentiras seriam então a arma que o personagem encontra para diminuir suas desvantagens diante dos poderosos.

O Encourado é o sujeito do fazer manipulador. Seu papel é acusar e convencer o juiz de que as almas devem ser condenadas, para isso faz uso de diversas estratégias argumentativas. Intimida os réus através de ameaças, tentando convencê-los de que já estão condenados e tenta coagir Jesus, apontando as falhas de caráter de cada personagem. A figura do Encourado representa a astúcia e o medo.

Importante fazer algumas observações sobre os temas que a figura do diabo representa na peça de Suassuna. Na mentalidade popular são diversas as imagens assumidas pelo Anticristo. O medo exagerado do Fim do Mundo, narrado em textos apocalípticos, fez crescer o temor das pessoas em relação às imagens do demônio. E os temas que provocam o medo do povo são revestidos nos discursos apresentados em seus textos pelas mais diversas e criativas figuras. No Nordeste brasileiro, por exemplo, ele é chamado, em algumas narrativas populares, de Encourado. Tal alcunha se deve ao fato de ele se apresentar vestido de vaqueiro, com vestes de couro. De acordo com a lenda, o Encourado é um homem de hábitos noturnos e sua presença aterrorizante impõe medo e respeito.

No *Auto da Compadecida*, o tema do medo também está relacionado à figura do Encourado. Exatamente por ele representar o risco que as almas correm de serem condenadas por seus pecados. Ao entrar em cena, o personagem provoca reações de temor e respeito nos réus. O destemido Severino do Aracaju, ao se dar conta do perigo que o Encourado representa, faz a seguinte afirmação: “Ai meu Deus, vou pagar minhas mortes no inferno!” (2005, p.121). Já o bispo, sempre bajulador diante dos mais poderosos, assume uma postura de humildade e se dirige de forma respeitosa ao personagem: “Senhor demônio, tenha compaixão de um pobre bispo.” (p.121)

A Compadecida é o sujeito do fazer persuasivo. Seu papel é fazer a defesa das almas. Foi através do apelo de João Grilo, quando as almas já se consideravam condenadas, que ela apareceu. A aparição de Nossa Senhora em cena se dá da mesma forma como se deu a entrada de Jesus. Merece destaque a maneira como o autor sublima tais passagens, usando palavras e expressões que possibilitam ao leitor criar uma imagem mística e religiosa do ambiente. Todos os personagens, sem entender o porquê, sentem-se emocionados antes mesmo da aparição de Jesus e, posteriormente, da Compadecida. São utilizados signos linguísticos que imprimem à cena elementos visuais e sonoros: “As pancadas dos sinos continuam e toca uma música de Aleluia. De repente, João ajoelha-se, como que levado por uma força irresistível e fica com os olhos fixos fora. Todos vão-se ajoelhando vagarosamente. [...] A cena ganha uma intensa suavidade de iluminura. Todos estão de joelhos, com o rosto entre as mãos.” (2005, p.124)

São diversos os temas que a figura da Compadecida representa na história: a autoridade materna, a esperança, a benevolência, o amor incondicional. É esse amor de mãe benevolente que salvará as almas do fogo do inferno. Como observa Filho (2009, p. 57), “A Compadecida é vista como uma instância superior ao próprio Cristo, inclusive pela autoridade materna que tem em relação a ele [...] Na peça, como na vida, o Filho obedece à mãe porque vê nela uma fonte de justiça e de misericórdia e a intérprete mais confiável da lei do Pai.”

São oito os enunciatários que aparecem na cena: o bispo, o padre, o sacristão, o padeiro, a esposa do padeiro, João Grilo, Severino do Aracaju e o demônio/ajudante do Encourado. Cada personagem traz características próprias e, apesar de serem nordestinos, com exceção do demônio, representam falhas humanas universais. O bispo, o padre e o sacristão são ambiciosos e bajuladores; o padeiro é avarento e um mau patrão; a esposa do padeiro é avarenta e adúltera; João Grilo é esperto e mentiroso; Severino do Aracaju é violento; o demônio é submisso e bajulador.

Ao terminar o julgamento, os sete réus conseguem se livrar do inferno com a ajuda da Compadecida e de João Grilo - que em determinado momento assume o papel de enunciatador e reproduz um discurso de defesa aceito por Nossa Senhora e por Jesus.

O Auto da Compadecida: Uma Recriação Cinematográfica do Julgamento dos Mortos

Charles Sanders Peirce esclarece em suas pesquisas que o significado de um signo equivale a um outro signo. O que nos leva a entender que a significação é contínua e não se trata de um processo acabado. Entendendo dessa forma, vemos que as significações produzidas através da recepção de um texto literário são diversas e constantes. Ao levar em conta a tríade que compõe os

elementos básicos da comunicação – emissor, mensagem e receptor, vemos que há muitos fatores que devem ser considerados no momento de adaptação de um texto literário.

Segundo o estudioso Santaella (*apud* Mascarenhas, 2006), as pesquisas de Peirce levam em conta as mais diversas questões relacionadas à produção da mensagem: elementos verbais, imagéticos, sonoros, entre outros. Dessa forma, nossa abordagem será feita tendo por base as relações entre os signos linguísticos e não linguísticos apresentados nas duas obras nas cenas que compõem o Julgamento dos Mortos. Filho (2009, p.17) afirma que “O estudo da semiótica é o da vida dos signos no seio da sociedade. É evidente que o ser humano não se comunica, somente, através dos signos orais ou escritos – signos linguísticos. Existem outros sistemas de signos, como os gestuais, os pictóricos, os musicais, os rituais e a tarefa da semiótica é interpretá-los.”

Conscientes de que a adaptação de um texto literário ao sistema audiovisual de uma produção cinematográfica é uma reescritura, devemos entender que, ao reescrever, o tradutor não precisa ficar limitado à obra de partida. Sua produção deverá, de forma coerente às suas pretensões, levar em conta o público receptor da mensagem e o contexto social, histórico e cultural em que a obra original e a sua adaptação estão inseridas. É importante que, para ser fiel a sua proposta de adaptação de um texto literário, o cineasta mantenha uma relação coerente com a obra original, levando em conta os signos linguísticos usados pelo autor e adaptando-os adequadamente aos signos audiovisuais utilizados em sua produção.

Relacionando as duas obras, podemos destacar, logo no início do julgamento, algumas diferenças na cena que introduz o Julgamento dos Mortos: há uma música suave e João Grilo aparece deitado, segurando uma vela. A música transmite muita paz, e João desperta como se estivesse feliz por se encontrar naquele ambiente tão sereno. Observamos que, quando bem selecionados, os signos sonoros fornecem a sensação adequada ao espectador e tornam mais coerente a recepção da mensagem transmitida.

A visualização das cenas torna desnecessária a presença do palhaço/narrador e de suas indicações relacionadas ao cenário, personagens, por exemplo. Observamos que Arraes elimina o elemento circense e opta por substituir o cenário: em vez de um picadeiro, o julgamento acontece em uma igreja. O cineasta insere diversos elementos ligados à religião católica: uma procissão entra em cena com pessoas segurando velas e terços e entoando cânticos religiosos. A cena é pouco iluminada, os réus estão misturados aos devotos e participam da procissão. De repente, há um efeito sonoro, a porta da igreja se abre e nesse momento, o espectador pode visualizar o inferno. Elementos presentes no imaginário popular simbolizam o sofrimento que o lugar representa. Há

signos visuais (fogo, pessoas sendo açoitadas) e signos sonoros (sons de choro, gemidos e lamentações), na frente da porta, vemos a imagem do diabo.

Diferente da obra de Suassuna, ele não está com vestes de couro e nem vem acompanhado por um demônio. Os elementos que o caracterizam são os chifres, as unhas compridas e o forte cheiro de enxofre. Uma forte ventania leva as pessoas diretamente para o inferno, então João, para se livrar do perigo, roga para que Jesus os socorra. Jesus aparece cercado de anjos, nuvens e um fundo azul. Como na obra de Suassuna, a cena lembra muito uma iluminura e assim como na obra de Suassuna, Jesus é negro e sua cor desperta a surpresa dos réus.

O Diabo faz o seu discurso de acusação e condena os réus sem julgamento. No entanto, João resolve apelar novamente e chama Nossa Senhora que aparece em defesa dos réus. Há interessantes recursos cinematográficos utilizados no momento do discurso da *Compadecida*.

O primeiro que destacamos é o uso do flashback, que o cineasta utiliza para apresentar ao espectador o momento em que aconteceram as mortes. Ao fazer seu discurso, a *Compadecida* tem sua imagem transformada na pintura que ilustra a parede da igreja, local onde os personagens foram mortos. Essa imagem mostra a *Compadecida* com os olhos voltados para a cena e simboliza sua presença no momento da agonia dos réus. Um outro recurso de que o cineasta faz uso nessa passagem são fotografias reais de retirantes e nordestinos pobres.

A riqueza do trabalho de Arraes está na forma como consegue adequar as diversas linguagens à sua produção. Há elementos do teatro, no gestual dos atores e em seus diálogos; da pintura, na relação que faz com as iluminuras; da música, nos cânticos religiosos; das fotografias, entre outros. Essa relação entre os diversos sistemas de signos produz uma atmosfera religiosa e mística. Atmosfera que dialoga constantemente com a obra de Suassuna, e que consegue provocar no espectador reflexões sobre os sofrimentos do povo nordestino e compadecimento por seus erros. Os discursos dos enunciadores apresentam os mesmos temas da obra de Suassuna: condenação, perdão, medo, solidão, morte, entre outros.

Interessante falar um pouco sobre a simbologia dos três ambientes relacionados ao julgamento dos mortos e que estão presentes nos discursos dos personagens das obras de Suassuna e Arraes: o Céu, o Inferno e o Purgatório. Podemos identificar o fogo como principal elemento, uma vez que serve para caracterizar esses três ambientes e revestir o tema do sofrimento - sofrimento passageiro e purificador, no Purgatório; eterno e doloroso, no Inferno; ausência de dor e sofrimento, no Céu.

No purgatório, o fogo é um elemento purificador e temporário. Serve para “limpar” as almas

de seus pecados e redimi-las para que possam ser dignas da felicidade eterna. Tanto na peça quanto no filme, o purgatório é o destino do bispo, do padre, do padeiro e da esposa. No inferno, o fogo representa o sofrimento. É o fogo que causa dor intensa e infinita – nas obras, nenhum dos personagens é condenado ao inferno. No artigo “Os Três Sonhos (Céu, Inferno e Purgatório)”, Eymard Monteiro faz a seguinte afirmação:

No Purgatório o fogo do sofrimento purificador é a destruição de todo o nosso egoísmo, do pecado de nossa alma. Segundo Santa Catarina Gênova, o fogo que aflige as almas do Purgatório sem as consumir é o fogo de amor, mais doloroso que o fogo como conhecemos aqui na Terra. Diz-nos ela que é uma pena tão intensa que não existem palavras que a possa exprimir e nem a inteligência conceber. A alegria no Purgatório é saber que se verá um dia a Deus face a face e, assim, a alma aceita com prazer esse sofrimento que a purifica e liberta. No Inferno o sofrimento representado pelo fogo é infinitamente maior, pois a alma sabe que está condenada, pois assim ela mesma escolheu; é o fogo não do amor, mas o fogo do ódio, onde a escravidão do egoísmo se apresenta ao máximo. No Inferno não há amizade só ódio eterno. Terá a companhia dos piores assassinos, criminosos da história, a companhia eterna dos demônios. É um ódio que não acaba nunca, jamais.

O céu representa a ausência do fogo e conseqüentemente a ausência de todo e qualquer sofrimento. É a felicidade eterna, tão desejada pelos cristãos. Nas duas obras analisadas, o único personagem que é absolvido de seus pecados e vai para o céu é Severino do Aracaju.

Por fim, destacamos que o texto de Suassuna mostra-se mais respeitoso e formal e parece considerar com mais seriedade o fato de estar representando um momento tão temido e respeitado pelos cristãos católicos: o Julgamento Final. Daí identificarmos na obra um caráter mais sacro da representação. Na obra de Arraes, os personagens são mais descontraídos, o gestual os torna mais cômicos, a entonação da voz dá mais leveza ao momento do julgamento. Apesar de apresentar momentos de mais seriedade, as cenas são envolvidas pelo humor de João Grilo e dos outros personagens. Importante observar que, no filme, a comicidade das falas é reforçada pelas excelentes e muito elogiadas atuações de seus intérpretes. Por essas razões, ao ter contato com a obra, o espectador percebe que a forma como os elementos são apresentados dá ao filme um caráter menos respeitoso e formal e, conseqüentemente, mais profano.

Referências bibliográficas

Filho, J. J. B (2009). *Análise Semiótica Discursiva de O Auto da Compadecida*. Consultado em 02 de janeiro de 2014, CCHLA Universidade Federal da Paraíba-UFPB <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/images/pdf/JoseJoao.pdf>.

Mascarenhas, R. O (2006). *O Auto da Compadecida em Transmutação: a relação entre os gêneros circo e auto traduzida para o sistema audiovisual* (dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza: Ceará.

Monteiro, Eymard (s/d). *Os três Sonhos (O Céu, o Inferno e o Purgatório)*. Consultado em 23 de fevereiro de 2014, <http://www.rainhamaria.com.br/Pagina/173/OS-TRES-SONHOS-Ceu-Purgatorio-e-Inferno>.

Suassuna, A. (2005). *Auto da Compadecida*. 35ª ed. Rio de Janeiro: Agir.

Vidal, M. C. (2006). *Do Passado Arcaico ao Presente Global na Microsérie O Auto da Compadecida. Apropriação e Recriação: Do Teatro de Suassuna à Televisão de Guel Arraes* (tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo.